

Violências de gênero em ambientes digitais: uma análise de discursos masculinistas em comentários sobre a Marcha das Vadias no *G1*

Gender violence in digital environments: an analysis of the presence of masculinists in comments on the SlutWalk in *G1*

Violencia de género en entornos digitales: un análisis de la presencia de masculinistas en comentarios a la Marcha de las Putas en *G1*

Karina Gomes Barbosa

Universidade Federal de Ouro Preto | karina.barbosa@gmail.com

Yasmine Feital Calçado Barbosa

Universidade Federal de Minas Gerais | yasminefeital@gmail.com

Resumo: Com o propósito de elucidar as marcas da dominação masculina, este artigo analisa comentários feitos em notícias do portal *G1* sobre a Marcha das Vadias, movimento político e feminista que se vale de seios femininos nus como uma forma de protesto. Com o aporte teórico-metodológico da análise do discurso (BENETTI, 2016), destacamos um agrupamento específico de comentários, característicos desses ambientes: aqueles que incitam o ódio e a violência, em grande parte, contra mulheres, gays e lésbicas, contribuindo com discussões acerca da mansfera e da presença de masculinistas nesses espaços (ZUCKERBERG, 2018; ARONOVICH, 2021). Nesses ambientes virtuais nocivos, nos debruçamos sobre o papel da mídia não somente em conduzir debates (CHRISTOFOLETTI, 2019; FRANCHINI, 2018), mas também em superintendê-los, tendo em vista os espaços criados para interações, impossibilitando o espalhamento dos discursos de ódio e princípios patriarcais e garantindo o direito à participação e cidadania de grupos oprimidos.

Palavras-chave: Marcha das Vadias; G1; mansfera; comentários sistêmicos; responsabilidade midiática.

Abstract: The purpose of this study is elucidate marks of male domination, this article analyse comments made in *G1* on the SlutWalk, a political and feminist movement that has naked female breasts as one of the ways of protest. With theoretical-methodological contribution of the discourse analysis (BENETTI, 2016), we highlight a specific group of comments: those that incite hatred and violence, largely, at women, gays, lesbians and transvestite, contributing with the discussions about the mansphere and the presence of masculinists in these spaces (ZUCKERBERG, 2018; ARONOVICH, 2021). In these harmful virtual environments, we focus on the role of media not only in conducting debates (CHRISTOFOLETTI, 2019; FRANCHINI, 2018), but also overseeing them, in view of the spaces created for such, making it harder or impossible to spread hate speech and patriarchal principles and guaranteeing the right to participation and and citizenship of oppressed groups.

Keywords: SlutWalk; G1; mansphere; systemic comments; media responsibility.

Resumen: Con el propósito de dilucidar las marcas de la dominación masculina, este artículo analiza los comentarios realizados en las noticias del portal *G1* sobre la Marcha de las Putas, un movimiento político y feminista que tiene los senos femeninos desnudos como una de las formas de protesta. Con el aporte teórico-metodológico del análisis del discurso (BENETTI, 2016), destacamos una agrupación específica de comentarios: los que incitan al odio y la violencia, en gran parte, contra mujeres, gays, lesbianas y travestis, contribuyendo cómo concierne la mansfera y la presencia de masculinistas en estos espacios (ZUCKERBERG, 2018; ARONOVICH, 2021). En estos entornos virtuales dañinos, nos centramos en el papel de los medios de comunicación no solo en la conducción de debates (CHRISTOFOLETTI, 2019; FRANCHINI, 2018), sino también en su fiscalización, en vista de los espacios creados para los mismos, imposibilitando la difusión del discurso de odio y los principios patriarcales y garantizar el derecho a la participación y ciudadanía de los de los grupos oprimidos.

Palabras clave: Marcha de las Putas; G1; mansfera; comentarios sistêmicos; responsabilidad mediática.

Introdução

A cultura machista se apresenta como uma das faces do controle social sobre o gênero feminino sob o patriarcado. Isso porque as várias construções discursivas do “ser mulher” são atravessadas pelas normas e pelas performatividades de gênero (BUTLER, 1990) – aprisionando meninas e mulheres à moderação, ao trabalho reprodutivo¹ e à contenção –, bem como pelas normas de feminilidade hegemônica, sexualizando, objetificando e controlando seus corpos. Assim, se fazem cada vez mais indispensáveis os estudos atentos aos disciplinamentos sociais impostos a meninas e mulheres, visto que ainda nos encontramos cerceadas à falta de liberdade e respeito e impedidas do acesso ao reconhecimento pleno como cidadãs, direitos dos quais os homens brancos heterossexuais cisgêneros sempre dispuseram (BARBOSA, 2020).

Os pactos masculinos que regem o patriarcado dispõem de uma grande capacidade de permeabilidade nos diversos tecidos sociais e, por isso, é preciso olhar para as novas cotidianidades de forma crítica. Os “espaços sociais” online (MACHADO; GONZATTI; ESMITIZ, 2018) se tornaram essenciais para a organização e o impulsionamento de ideologias de diversos movimentos feministas desde os anos 2000 (MARTINEZ, 2019), mas estes mesmos ambientes também passaram a ser utilizados como espaços oportunos para a disseminação de discursos violentos e de ódio, que se direcionam, em grande parte, às meninas e às mulheres, bem como à comunidade LGBTQIA+. Os espaços destinados pelos portais de notícias a comentários e participação do público, especificamente, se tornaram “ambientes polêmicos nos quais as ações não estão voltadas meramente para a divulgação de informações, mas para uma disputa de pontos de vista que motiva a ‘discordância em cadeia’” (PEREIRA, 2020, p. 1942), diretamente ligados à agressividade e ao cyberbullying desses mesmos grupos: meninas, mulheres e comunidade LGBTQIA+ (MOORE et al, 2012; CORREA et al, 2015).

De acordo com a Comissão de Banda Larga da ONU, em um relatório de 2015, “73% das mulheres já foram expostas ou sofreram alguma forma de violência online, no que ainda deve ser considerado uma tecnologia relativamente nova e crescente”² (UN BROADBAND COMMISSION FOR DIGITAL DEVELOPMENT, 2015, p. 2, tradução nossa). Sendo assim, a pesquisa conduzida sobre comentários no portal de notícias *G1* referentes aos corpos femininos que protestam na Marcha das Vadias auxilia no entendimento sobre os atuais mecanismos por meio dos quais sociedade e cultura são regidos, além de elucidar novas formas e meios de controle e violência contra os corpos femininos (BARBOSA, 2020). Os comentários nos servem como “ferramenta social muito importante para analisarmos a mídia contemporânea e sociedade a partir dela” (BUENO, 2015, p. 240). Anna

¹ Estudo da ONG Plan International Brasil apresenta um cenário crescente desse trabalho durante a pandemia causada pelo coronavírus, que afastou jovens de lares pobres dos estudos. De acordo com o levantamento, 98% das 98 meninas que participam de projetos da ONG realizam algum trabalho doméstico em casa; “antes da pandemia, eram 57%”. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-04-13/nao-estudo-nada-ha-um-ano-fico-em-casa-limpando-e-cozinhando.html>>. Acesso em: 5 maio 2021.

² No original: “73% of women have already been exposed to or have experienced some form of online violence in what must still be considered a relatively new and growing technology”.

Elizabeth Balocco e Tania Maria Shepherd (2017, p. 1022) ainda conceituam tais ferramentas aplicadas aos espaços destinados pelos portais de notícias:

Os comentários fazem referência a um texto anterior; são de responsabilidade de um usuário; são textos opinativos que ocorrem em espaços delimitados no jornalismo digital, ou seja, são textos que sofrem restrições impostas pelo software (tamanho); são assim denominados ('comentários') pela própria mídia digital.

Durante o movimento de análise da pesquisa, observamos 2.250 comentários dispersos em matérias jornalísticas do portal *G1*, publicadas nos anos de 2012, 2013 e 2015. Optamos por mergulhar nos comentários que divergem da Marcha das Vadias³ (64,9% ou 1.461 do total) e que apresentam discursos de intolerância e discriminação, posteriormente agrupados de acordo com o “processo parafrástico” (ORLANDI, 2007, p. 37) que “permite mapear e analisar os sentidos hegemônicos de certos discursos” (BENETTI, 2016, p. 242). Durante esse processo, nos deparamos com cinco subgrupos⁴ de comentários – ou, como Márcia Benetti (2016) conceitua, formações discursivas, sendo elas: FD1 – machismo e LGBTfobia; FD2 – misoginia e ódio à comunidade LGBT⁵; FD3 – sexualização dos corpos e estética feminina; FD4 – religião e pautas feministas; e FD5 – contrariedade à Marcha e suas pautas.

Mais especificamente, nos interessam aqui os comentários alinhados à formação discursiva *misoginia e ódio à comunidade LGBT*⁶. Isso porque se faz cada vez mais indispensável refletir sobre a “plasticidade do machismo estrutural” (RODRIGUES, 2017), que se revela nos cotidianos de maneira tão brutal⁷. Neste artigo, nos debruçaremos mais particularmente sobre a misoginia e violência contra as mulheres, visto que os corpos femininos são maioria nos protestos – apesar de não desconsiderar absolutamente as discussões acerca da violência contra a comunidade LGBTQIA+.

Este núcleo também se refere a expressões e ideologias reacionárias que, além de atravessarem violentamente e de inúmeras maneiras os grupos a que são dirigidas, dizem sobre uma ameaça à democracia e aos direitos civis, por serem alicerçadas em hierarquias e

³ Percebemos, durante a aproximação do material, três tipos de comentários, sendo eles: a) aqueles que divergem da Marcha das Vadias; b) aqueles que convergem para o movimento (apoiando suas lutas); e, por fim, c) aqueles que não se referem à Marcha (sendo comentários avulsos que variam entre conversas entre autores e autoras, acontecimentos políticos da época, etc.).

⁴ Apesar dos diferentes subgrupos, a maioria dos comentários foram alinhados em dois ou mais núcleos de sentido, uma vez que apresentam discursos que circulam e se adequam em mais de um deles.

⁵ O alinhamento da LGBTfobia em duas formações discursivas diz sobre as diferentes tonalidades encontradas nos comentários, não nos prendendo ao conceito, em si, que “carrega um sem-número de sentidos e fenômenos que ultrapassam a sua descrição conceitual primeira” (BORRILLO, 2010, p. 7). A FD2 apresenta um grupo de comentários considerados ainda mais violentos.

⁶ Alertamos que a análise aqui apresentada contém comentários extremamente violentos e, por isso, se faz necessário um aviso de gatilho para aquelas e aqueles que leem.

⁷ A escolha em não apresentar, neste artigo, os discursos alinhados à FD1 se dá justamente pelo caráter menos violento e odioso dos comentários quando comparados à FD2. Na primeira formação discursiva, alinhamos comentários que variam entre culpabilização e responsabilização feminina por uma gravidez, o uso de termos “exclusivamente ofensivos às mulheres” (ARONOVICH, 2011) e também a sexualização dos corpos das protestantes.

interdições que impedem a plena participação feminina nos processos de cidadania. De alguma maneira, essas manifestações discursivas integram um contexto social e político no qual são negados às mulheres reconhecimento e representação plenos, além de desigualdades na distribuição de recursos e poder (FRASER, 2013). Constituem, ainda, o que podemos chamar de violências simbólicas e midiáticas. Ambas devem ser enfocadas no escopo de vulnerabilidades experienciadas pelas mulheres, bem como reconhecidas como violências presentes no ecossistema comunicacional, que “podem e têm incidido nos processos de socialização que perpetuam a violência contra as mulheres no mundo” (MIRANDA, 2020, p. 141).

A Marcha das Vadias na mídia

Referência para o feminismo, a Marcha das Vadias é uma das várias manifestações que desempenham, em diversos países, importante papel no esclarecimento e na conscientização da sociedade sobre lutas levantadas pelo movimento feminista. A primeira Marcha aconteceu em janeiro de 2011, no Canadá. O movimento, que contou com cerca de 3 mil pessoas, teve como principal objetivo refutar a misógina culpabilização feminina acerca da cultura do estupro e das violências sexuais sofridas por meninas e mulheres. O termo “vadias”⁸ surge para contestar uma fala machista feita pelo policial canadense Michael Sanguinette, que em um evento sobre segurança e prevenção ao crime, na Universidade de York, disse que “não se vestir como vadia” deveria ser uma tarefa das mulheres para que evitassem assédios e violências sexuais.

Figura 1. Marcha das Vadias no Canadá (2011)



Fonte: Associated Press. Autoria: Richard Lautens.

⁸ De acordo com Débora Boenavides (2019, p. 2), utilizar o termo “vadia” como nome do movimento seria um recurso para ressignificar o uso da palavra, transformando-a em um “termo militante positivo”. Carla Gomes (2017, p. 249), porém, é precisa sobre a instabilidade do termo, ao afirmar que “para as negras [o uso do termo] reforçaria seu estigma de mulheres ‘hipersexualizadas’ e ‘inferiores’, reafirmando o assujeitamento produzido pelas hierarquias sociais”.

No Brasil, a primeira Marcha foi realizada em junho de 2011, em São Paulo. No mesmo ano, outros protestos saíram às ruas de Brasília e do Recife. O ano de 2012 também foi marcado pelas manifestações, que ocorreram em 23 cidades, entre as quais Rio de Janeiro, Goiânia, Belo Horizonte e Curitiba. Apesar de não ser uma regra do movimento, algumas mulheres protestam com os seios à mostra (outras participam da manifestação com sutiãs ou camisas). Os corpos femininos no movimento também carregam mensagens e palavras de ordem, além de erguerem pautas e lutas discutidas ao decorrer dos anos, como a descriminalização do aborto, a liberdade sexual feminina, a luta contra o feminicídio e outros (BOENAVIDES, 2019).

Figura 2. Marcha das Vadias no Rio de Janeiro (2012)



Fonte: <https://www.flickr.com/photos/luizbaltar/7289602874>

As Marchas realizadas no país⁹ também foram cobertas pelos meios de comunicação. Apesar de serem noticiadas em diferentes veículos, as Marchas das Vadias ganharam mais espaço no portal *G1*. Já em 2011, ano da primeira manifestação, o portal produziu 15 matérias sobre o movimento, enquanto outros portais jornalísticos, como *UOL*, *Folha de S.Paulo* e *Estadão*¹⁰, produziram entre duas e cinco matérias e, ainda assim, algumas delas apenas utilizavam o nome da Marcha como exemplo relacionado ao feminismo, não noticiando algo sobre o movimento em si. Dessa forma, a escolha das matérias do portal *G1* se dá uma vez

⁹ Apesar da constância de protestos realizados pelo movimento nos anos iniciais (entre 2012 e 2015, mais especificamente), as manifestações, hoje, não são regulares. A última aconteceu em 2019, no Recife, e o movimento foi noticiado no *G1* pela última vez em 2018. Mesmo assim, é possível perceber atividades frequentes das Coletivas das Vadias - outra maneira de se referir à marcha - através do Facebook (facebook.com/coletivadasvadias/) e do Instagram (instagram.com/coletivadasvadias/).

¹⁰ Trouxemos esses portais como exemplos porque também são veículos que produzem conteúdo jornalístico e possuem altos números de acessos. O *UOL*, por exemplo, é o terceiro site mais acessado do Brasil, de acordo com as métricas da Análise de Tráfego Semrush, feita em abril de 2021; a *Folha de S.Paulo* atingiu um total de 268.557 assinantes digitais em 2020; e o *Estadão* alcançou um total de 150.852 assinaturas digitais no mesmo ano. Disponível em: <<https://pt.semrush.com/blog/top-100-sites-mais-visitados/>>. E em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/maior-jornal-do-brasil-folha-consolida-crescimento-digital.shtml>>. Acesso em: 19 maio 2020.

que, segundo Benetti (2016, p. 243-244), é preciso definir o “objeto empírico que ofereça mais representatividade ao estudo, pois é o que concederá mais validade aos seus resultados [...], [além de] optar pelo de maior audiência ou pelo de maior relevância”¹¹. O Quadro 1 mostra o expressivo número de produções sobre a Marcha realizadas pelo G1, bem como o número de comentários realizados nos espaços destinados a este fim.

Quadro 1. Matérias totais sobre a Marcha das Vadias presentes no G1¹²

Ano	Matérias	Total de matérias	Total de comentários
2011	7 fotográficas ¹³ 8 textuais	15	0
2012	9 fotográficas 4 audiovisuais 22 textuais	35	810
2013	7 fotográficas 12 audiovisuais 19 textuais	38	1.747
2014	3 fotográficas 2 audiovisuais 12 textuais	17	0
2015	3 fotográficas 3 audiovisuais 7 textuais	13	193
2016	2 fotográficas 3 audiovisuais 3 textuais	8	31
2017	1 fotográfica 1 audiovisual 1 textual	3	0
2018	1 audiovisual	1	0

Fonte: Elaboração das autoras.

Após o movimento de aproximação de todo o conteúdo produzido pelo portal, foi realizado um “recorte arbitrário de unidades do objeto empírico” (BENETTI, 2016, p. 245), com o propósito de delinear mais claramente o *corpus* de pesquisa do artigo. Optamos, então, pelas seis matérias que abrangem mais de 100 comentários (Quadro 2), a fim de “assegurar que se tenha material suficiente para evidenciar certa estabilidade do discurso” (BENETTI, 2016, p. 246). Estes quadros nos auxiliam em uma perspectiva geral sobre

¹¹ O G1 alcançou 3,1 bilhões de visitas e 56 milhões de visitantes únicos em 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/midia-e-marketing/noticia/2018/11/26/grupo-globo-bate-recorde-de-acessos-no-digital-e-passa-de-100-milhoes-de-usuarios-unicos.ghtml>>. Acesso em: 5 maio 2020.

¹² As informações numéricas apresentadas neste quadro foram contabilizadas a partir dos números disponibilizados pelo portal G1. Vale destacar que a inexistência de comentários em matérias dos anos de 2011, 2014, 2017 e 2018 se dá, em sua maioria, pela não permissão do portal para que fossem feitos. Não são apresentadas razões para que alguns conteúdos permitam comentários e outros, não.

¹³ Apenas galeria de fotos.

todos os conteúdos e dados encontrados. Debruçarmo-nos, mais adiante, na formação discursiva selecionada para a abordagem deste artigo.

Quadro 2. Matérias do G1 analisadas¹⁴

Ano	Matéria	Jornalista	Total de comentários	Comentários feitos por homens	Comentários feitos por mulheres	Comentários feitos por nomes não identificáveis
2012	“Marcha das Vadias reúne centenas com pouca roupa na Avenida Paulista”	Fábio Tito	488	366 (75%)	97 (19,9%)	25 (5,1%)
2012	“Marcha das Vadias tem tumulto em frente a igreja em Copacabana”	Christiano Ferreira	165	106 (64,2%)	43 (24,1%)	16 (9,7%)
2013	“Marcha das Vadias reúne centenas de manifestantes em Curitiba”	Adriana Justi	148	104 (70,3%)	29 (19,6%)	15 (10,1%)
2013	“Marcha das Vadias vai às ruas de Ribeirão por legalização do aborto”	Rodolfo Tiengo	252	133 (52,8%)	81 (32,1%)	38 (15,1%)
2013	“Marcha das Vadias reúne mais de mil no Rio e vira hit em rede social”	Henrique Coelho	1.065	692 (65%)	245 (23%)	128 (12%)
2015	“Marcha das Vadias reúne centenas de pessoas no PR contra o machismo”	Adriana Justi e Rodrigo Saviani	132	98 (74,2%)	11 (8,3%)	23 (17,5%)

Fonte: Elaboração das autoras.

Para Francisco Karam (2004, p. 232), a importância do jornalismo e dos meios de comunicação pode ser legitimada a partir do momento em que “informação ou desinformação” se articulam diretamente na “formação da cidadania e do acesso democrático e imediato a diferentes setores sociais”, sejam eles individuais ou de sociabilidade. Diz o autor:

Apesar de todas as novas tecnologias, do processo de globalização e dos diversos acessos a diferentes formas de informação pública, algo continua

¹⁴ É importante ressaltar que a totalidade de comentários apresentados pelo G1 diverge da contagem feita para a pesquisa. Acreditamos que tal diferença se dê pela não abertura de alguns comentários em cadeia. Apesar de contarmos o portal de notícias, não obtivemos resposta até a conclusão da pesquisa. Sendo assim, os números de comentários apresentados neste quadro são referentes à contagem disciplinada das autoras. Além disso, salientamos que os dados referentes aos números de comentários realizados por homens e por mulheres não podem ser completamente autenticados, tendo em vista o anonimato permitido pelos ambientes digitais.

fazendo do jornalismo *uma profissão e um campo de conhecimento com traços distintivos, que permitem e exigem um saber e um fazer específico e possibilitam uma teoria, uma estética, uma ética e uma técnica próprias* (KARAM, 2004, p. 37).

Rogério Christofolletti (2019, p. 7-8) compactua dessa visão do “jornalismo como indutor democrático”, além de prática social e forma de conhecimento, uma indústria entranhada na vida social contemporânea e que está relacionada diretamente, segundo o autor, a subjetividades e identidades: “Sentir-se informado é pertencer a uma época, comungar valores, ocupar um lugar”. Mais: Christofolletti (2019, p. 67) aponta uma relação “umbilical entre jornalismo e democracia, entre cidadania e informação noticiosa”. Ora, em um ecossistema marcado por discursos de ódio e controle sobre os corpos, essa relação fica certamente estremecida.

Podemos afirmar, assim, que o noticiário sobre a Marcha das Vadias dá pistas sobre a mídia como “elemento fundamental para o avanço do processo democrático” (ANDI, 2007, p. 33). Diante “do poder sobre a informação” (KARAM, 2004, p. 235) por parte do jornalismo, revelando-o, dessa forma, como “centro de poder simbólico” (FRANCHINI, 2018, p. 156), os meios de comunicação avocam o compromisso de auxiliar na construção da opinião pública e dos processos de cidadania, baseando-se sempre nas “questões de integridade social e superação das divisões e discriminações” (GUARESCHI, 2007). A Marcha, nesse sentido, aposta em debates que aspiram a uma sociedade não violenta e com equidade de direitos, como demandado pelas protestantes, e, por isso, noticiar sobre o movimento é falar sobre tais questões, “mobilizando o desejo do [leitor] para certos modos de pensamento, comportamento e modelos que servem para a [...] desconstrução dos valores tradicionais e dominantes” (CRUZ apud FRANCHINI, 2018, p. 153).

No entanto, apenas noticiar não é o suficiente. É preciso se atentar também às maneiras com que esses assuntos – a Marcha das Vadias, mais especificamente –, são enquadrados, circulados e acionados. Para Sandra de Souza Machado (2017, p. 154), “as más representações, os silenciamentos, as omissões, as aculturações e os estereótipos de gênero, nos Meios de Comunicação de Massa (MCM) – Mass Media –, terminam por fomentar, retroalimentar e perpetuar papéis sociais arcaicos, machistas e misóginos”, bem como cultivar as violências simbólicas e midiáticas. Apesar de não ser o objetivo deste artigo analisar a maneira como as matérias são construídas, e sim observar os comentários que circulam nos espaços abertos pelo G1, vale a pena ressaltar, a partir da ideia acionada por Machado, as duas matérias selecionadas do ano de 2012 (Quadro 2), que possuem títulos ultrajantes e de caráter negativo¹⁵ e que foram escritas por homens jornalistas.

O discurso masculinista em rede

A amplitude e multiplicidade proporcionadas pelos ambientes virtuais, como dito, também abriram novos espaços para que a violência contra meninas e mulheres acontecesse (BARBOSA, 2020). Segundo Karam (2004, p. 242), “a internet pode servir [ou a]

¹⁵ Nesse sentido, é preciso reconhecer o papel da equipe responsável pela edição das matérias jornalísticas que, habitualmente, pode titulá-las, em lugar do ou da jornalista responsável pela apuração.

[...] um processo de homogeneização cultural [ou em] detrimento de conceitos de solidariedade ou justiça”. Ela

pode prestar um grande serviço à cultura e à política, transformando a eficiência instrumental em verdadeira eficiência humana, e, portanto, a favor do planeta e da humanidade, ou pode se tornar apenas porta-voz do *pensamento único*, que chegará homogeneizado à rede. A *democracia*, em último caso, muda de sentido e mantém o nome, e o pensamento único torna-se referência patrimonial moral da humanidade, numa aposta contra o que ela construiu ao longo da história.

Na mesma linha, Christofolletti (2019, p. 9, grifo nosso) descreve parte significativa do ecossistema comunicacional por onde esses discursos circulam e o efeito deles no jornalismo: “Notícias falsas, estratégias sofisticadas de desinformação, manipulações políticas, descrédito da verdade e sequestro da legitimidade social *corroem os alicerces do jornalismo*”. Intolerância e ódio, dois aspectos centrais nesta pesquisa, são apontados pelo autor entre os elementos que asfixiam não só os alicerces do jornalismo, mas também a democracia, colocando os dois à prova, contestando-os e acuando-os. Para nós, esse ambiente tóxico, que não é exclusivo da internet, mas prevalente nela, produz efeitos deletérios na participação cidadã de meninas e mulheres e de grupos dissidentes da norma, como a comunidade LGBTQIA+, visto que são alvos prioritários de ódio e intolerância.

Para José Luiz Braga (2011, p. 68-69), “uma importante parte (em quantidade e relevância) do que se comunica na sociedade contemporânea ocorre através dos meios de comunicação”, que, por sua vez, são tomados pelas “interações sociais”. De acordo com o relatório da Comissão de Banda Larga da ONU, grande parte dessas interações são permeadas pelas diversas formas de violência, tais como “discurso de ódio (publicação de uma difamação blasfema), hackers (interceptando comunicações privadas) roubo de identidade, perseguição online (assédio criminal) e ameaças”¹⁶ (UN BROADBAND COMMISSION FOR DIGITAL DEVELOPMENT, 2015, p. 6, tradução nossa). O relatório ainda afirma ser provável que mulheres entre 18 e 24 anos corram maiores riscos de exposição a qualquer tipo de violência cibernética e de se tornarem vítimas de outros tipos de assédio.

Donna Zuckerberg (2018, p. 3, tradução nossa) estabelece relação entre os espaços de sociabilidade contemporâneos e a misoginia. Segundo ela, “as mídias sociais levaram a uma democratização sem precedentes da informação, mas também criaram oportunidades para homens com ideias antifeministas transmitirem seus pontos de vista [...] e espalharem teorias da conspiração, mentiras e desinformação”, carregando a misoginia e a violência contra meninas e mulheres para novos ambientes e amplificando-as: “hoje, qualquer pessoa que não queira se tornar um eremita digital certamente encontrará esses homens online”¹⁷.

¹⁶ No original: “hate speech (publishing a blasphemous libel), hacking (intercepting private communications), identity theft, online stalking (criminal harassment) and uttering threats”.

¹⁷ No original: “Social media has led to an unprecedented democratization of information, but it has also created the opportunity for men with antifeminist ideas to broadcast their views [...] to spread conspiracy theories, lies, and misinformation. [...] Anyone today who does not intend to become a digital hermit is guaranteed to encounter these men online”.

Os homens sobre os quais Zuckerberg fala são integrantes de comunidades misóginas criadas na internet que, juntas, levam o nome de manosfera. Segundo Stephanie Greenberg et al (2020), o Men's Liberation Movement (Movimento de Libertação dos Homens, em tradução livre), que ocorreu durante as décadas de 1960 e 1970, pode ser considerado um precursor dessas comunidades. Zuckerberg (2018, p. 11-12, tradução nossa) ainda detalha:

Essas comunidades online conectam um grande grupo de homens cisgêneros – isto é, homens cuja identidade se alinha ao sexo a que foram designados ao nascerem – unidos pela crença de que os homens cisgêneros masculinos são discriminados por nossa sociedade feminizada (“gynocêntrica”) e devem apoiar uns aos outros. Algumas pesquisas autorreferidas na comunidade sugerem que mais de três quartos desses homens são brancos, heterossexuais, politicamente conservadores, não têm forte afiliação religiosa e têm entre dezoito e trinta e cinco anos. Embora existam movimentos de homens similares em outros países, bem como grupos nacionalistas de extrema-direita, esses homens estão resolutamente focados nas preocupações dos homens nos Estados Unidos¹⁸.

A manosfera se divide em grupos. Greenberg et al (2020) apontam os quatro principais: os artistas do xaveco (*Pick-Up Artists*); os ativistas dos direitos dos homens (*Men's Rights Activists – MRAs*); os chamados celibatários involuntários (*Incels*); e os homens que seguem seus próprios caminhos (*Men Going Their Own Way – MGTOWs*), todos também conhecidos como masculinistas. Os homens que integram a manosfera acreditam, conforme Zuckerberg (2018), que vivemos num universo que favorece as mulheres e, portanto, seriam eles, brancos, heterossexuais, cisgêneros, os violentados e discriminados socialmente.

Zuckerberg (2018, p. 8, tradução nossa) afirma que “esse patriarcado ideal [para os masculinistas] baseia-se fortemente em modelos antigos de casamento e família para promover um mundo em que as mulheres não têm poder de decisão fora [e nem dentro] de casa”¹⁹, o que reforça sua ligação a hierarquias que ameaçam a democracia e os direitos civis das mulheres (FRASER, 2013). Para que possam sustentar e defender suas ideias, os masculinistas se unem em ambientes virtuais para responderem ou comentarem sistematicamente – o que Zuckerberg (2018, p. 2, tradução nossa) chama de “*troll storms*”, ou “furação de abusos digitais”, orquestrados por homens com a intenção de ridicularizar e ameaçar o/a outro/a – em discussões que abordam, normalmente, questões de gênero e feminismo.

¹⁸ No original: “These online communities connect a large group of cisgender men—that is, men whose identity aligns with the sex they were assigned at birth—united by the belief that masculine cisgender men are discriminated against by our feminized (“gynocentric”) society and must support each other. A few self-reported surveys within the community suggest that more than three quarters of these men are white, heterosexual, politically conservative, have no strong religious affiliation, and are between the ages of eighteen and thirty-five. Although there are similar men’s movements in other countries, as well as similar far-right nationalist groups, these men are resolutely focused on the concerns of men in the United States”.

¹⁹ No original: “this ideal patriarchy draws heavily on ancient models of marriage and family to promote a world in which women have no decision-making power outside of the home”.

Wilma Pereira (2020, p. 1925) observa que, no espaço destinado a comentários, em portais de notícias, “propício à polarização e ao antagonismo de ideias”, aqueles/as que comentam o fazem com o objetivo de sustentar suas próprias perspectivas, “com base na desqualificação dos supostos adversários” e na promoção de “ofensas de forma deliberada” (PEREIRA, 2020, p. 1949 e 1954). Dessa forma, segundo a autora,

os comentários analisados se caracterizam como instâncias discursivas organizadas em torno de ataques verbais pontualmente direcionados não só aos interagentes imediatos da interação, mas também a terceiros que de alguma maneira os comentadores consideram como seus “oponentes” e, por isso, merecedores de seus ataques (PEREIRA, 2020, p. 1948).

No entanto, as ameaças que os masculinistas oferecem à sociedade vão além de uma enxurrada de comentários misóginos, xenofóbicos, racistas e LGBTfóbicos – o que já são formas de violência simbólica e midiática. Segundo Lola Aronovich (2021, online), muitos fóruns anônimos – também conhecidos como *chans* – têm reivindicado a autoria do massacre que ocorreu na cidade de Saudades, em Santa Catarina, em maio de 2021. Fabiano Kipper Mai, de 18 anos, que tentou suicídio após assassinar três crianças e duas mulheres em uma creche, fazia parte, segundo outros masculinistas, de comunidades da *manosfera*. Aronovich, que é professora de Literatura em Língua Inglesa na Universidade Federal do Ceará (UFC) e autora do blog feminista *Escreva, Lola, Escreva*²⁰, conta que recebeu, desde o massacre, três ameaças de morte vindas de masculinistas²¹, os quais ainda disseram que “os *chans* celebram a chacina na creche e saúdam Fabiano como novo herói”.

Tais discussões revelam características de grande parte dos autores dos comentários acionados aqui, bem como dos ambientes de onde vêm e se organizam (a *manosfera*), e o alcance de suas ações. As inferências realizadas se alicerçam na análise do discurso (AD) de linha francesa metodologia que nos auxilia no entendimento das significações que permeiam os comentários da formação discursiva *misoginia e ódio à comunidade LGBT*.

A AD busca compreender como um discurso funciona, ou seja, que sentidos estão sendo produzidos, quem são os sujeitos que falam e que posições eles ocupam para enunciar, para quem esses sujeitos estão falando, como os diversos discursos estão sendo articulados, quais são os modos de controle do poder-dizer (BENETTI, 2016, p. 252).

Concentrar-nos na problematização de uma linguagem “constitutivamente dialógica [...]”, pois ela é impossível sem interação, e esta interação está pressuposta já na produção da fala”, diz inevitavelmente, segundo Benetti (2016, p. 236), das relações presentes entre os discursos (“interdiscursividade”) e entre os sujeitos (“intersubjetividade”).

²⁰ Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com/>>. Acesso em: 5 maio 2021.

²¹ As ameaças sofridas por Lola se juntam a outras muitas recebidas desde 2011 pela professora. Hoje, o Brasil dispõe, como ferramenta para punição de violências cibernéticas, da Lei Lola, “que alterou a lei nº 10.446/2002, com o intuito de que os crimes de ódio (e de propagação do mesmo) dirigidos às mulheres no meio digital fossem acrescentados à lista de infrações investigadas pela Polícia Federal” (BARBOSA, 2020).

Não há como pensar o funcionamento de qualquer discurso sem considerar que os sujeitos envolvidos se movimentam e ocupam posições que lhes são anteriores. Pêcheux conceitua a formação imaginária [este “lugar de enunciação”] como uma antecipação da representação (de si e do outro). Quem enuncia o faz de uma posição de sujeito, enuncia para alguém e sobre algo (BENETTI, 2016, p. 237).

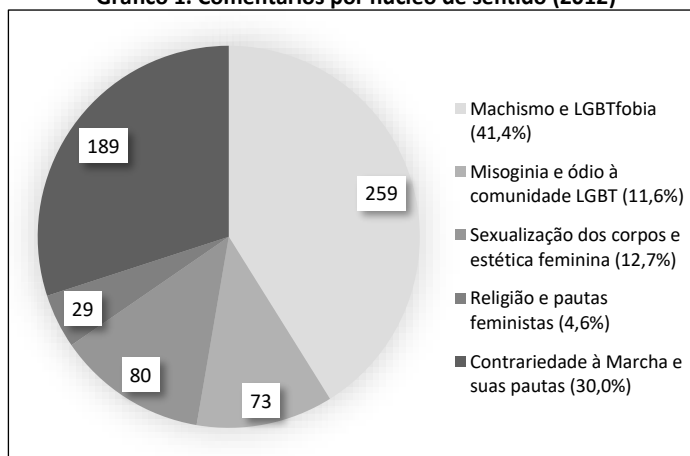
Tais conceitos ressaltam a necessidade de considerar questões referentes à história, aos hábitos e a outros mecanismos de construção da cultura, visto que todos estes atuam na maneira com que os discursos são construídos e interpretados (STOCKER; DALMASO, 2016). Entre as quatro abordagens possíveis a partir da AD, optamos pela “análise de sentidos”; nela, encontramos a “camada discursiva” e a “camada ideológica”, sendo esta segunda a que “explica o processo de atribuição de sentidos” (BENETTI, 2016, p. 247).

Ao tratarmos os comentários feitos no *G1* como “instâncias dos discursos midiáticos de caráter opinativo que possibilita aos leitores a expressão de seus pontos de vista sobre determinado assunto” (PEREIRA, 2020, p. 1916), ressaltamos crenças e práticas discursivas patriarcais, LGBTfóbicas e misóginas que se apoiam na subalternidade feminina, na exclusão da comunidade LGBTQIA+, na destituição de poder desses grupos e na violência contra eles, a fim de manter práticas que, historicamente, foram – e são – vistas como “naturais ou verdadeiras, como se fossem a única interpretação possível” (BENETTI, 2016, p. 247).

Os comentários e discursos de ódio

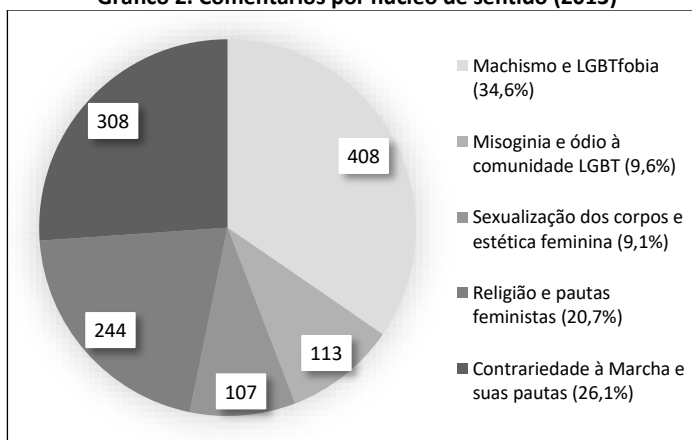
Os comentários referentes à FD *misoginia e ódio à comunidade LGBT* foram priorizados, uma vez que dizem respeito a ameaças aos corpos que protestam na Marcha das Vadias, bem como à liberdade e aos direitos civis das mulheres e da comunidade LGBTQIA+. Este núcleo também tem representatividade muito significativa quando olhamos para a totalidade dos comentários classificados a partir das cinco FDs identificadas (Gráficos 1, 2 e 3).

Gráfico 1. Comentários por núcleo de sentido (2012)



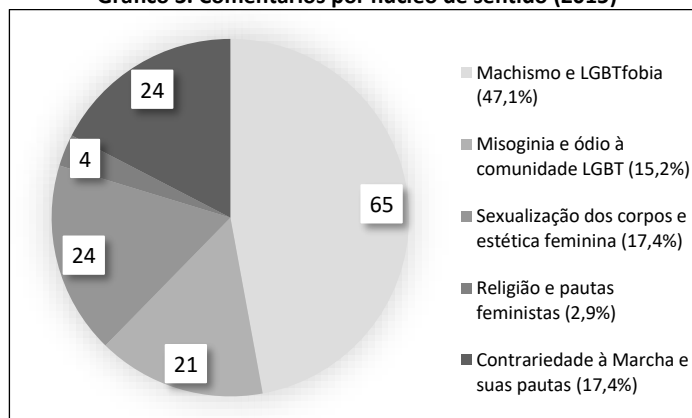
Fonte: Elaboração das autoras.

Gráfico 2. Comentários por núcleo de sentido (2013)



Fonte: Elaboração das autoras.

Gráfico 3. Comentários por núcleo de sentido (2015)



Fonte: Elaboração das autoras.

Nesta formação discursiva, alinhamos os comentários que incitam o ódio e a violência contra mulheres cisgêneros heterossexuais e pessoas da comunidade LGBTQIA+. Encontramos expressões que são comumente utilizadas por masculinistas para se referirem de maneira odiosa a esses grupos, como “escória da humanidade”, “dejeito da sociedade” e “excremento”. Para além disso, o núcleo também abarca os discursos que expressam sentimentos de vontade de aniquilação, aversão e hostilidade. A seguir, no Quadro 3, apresentamos alguns exemplos de comentários, extraídos dos espaços destinados em todos os anos selecionados.

Quadro 3. Comentários encontrados

Numeração	Comentário
Comentário 1 (2013)	que horror...essa manifestação é a cara dessa gente feia e podre...degradante,ridícula.. Nojenta!!! Eca! ²²
Comentário 2 (2013)	É tanta <i>baranguice</i> que nenhum estuprador vai querer comer KKKKK
Comentário 29 (2013)	<i>Ai</i> depois o cara mete a porrada ai é arrogante , homofóbico bandido e isso <i>ai</i> é o <i>q</i> respeito?
Comentário 3 (2013)	Faz igual a igreja, separa e mata
Comentário 4 (2015)	Eu estourava até essa grávida.
Comentário 5 (2012)	Os homens heterossexuais viraram minoria excluída , pois, todos tem direito, menos nós, crianças e adolescentes, idosos, mulheres, homossexuais, todos através de estatutos ou leis, o macho é tratado como um leproso , novelas, programas, todos, não existe programa que inicie sem uma esmagadora maioria de homossexuais, os quais estão dominando o mundo...
Comentário 6 (2012)	Eu não entendo o que essas mulheres querem mais, já conquistaram várias Leis feministas as custas de maioria "homens trouxas" do congresso, já dominam a mídia há tempos, andam <i>semi-nuas</i> nas ruas no dia-a dia e não vão presas, seduzem e se fazem de vítimas e todos acreditam, e agora, eu pergunto querem mais o que?
Comentário 7 (2013)	Concordo com os protestos, direitos devem ser respeitados...eu não concordo é com o novo comportamento da mulher , ou seja, empinaram o nariz e estão se achando o máximo, é claro que para isso elas estudaram, ganham dinheiro, é normal querer estar em evidência, mas cadê o delas de verem os excluídos também? Sem querer generalizar, mas atualmente elas estão num ar de superioridade tão grande que até o andar delas nas ruas reflete isso, e aí da pessoa que não está em seus padrões, sem chance de ter pelo menos a amizade delas...posso ter dito uma grande besteira aqui, mas é o meu ponto de vista
Comentário 8 (2013)	[...] ²³ , sua anta . Além de não saber escrever, ainda não apresentou nenhum argumento que preste. O índice de homicídios e agressões contra o homem é quántuplo ao das mulheres.
Comentário 9 (2013)	Esses gays são o excremento social . Toda sociedade em qualquer tempo sempre os tratou como escória , pois é isto que eles são. A humanidade sempre os rejeitou e assim será para todo o sempre. Gays, vcs são o dejeito da sociedade , são um erro na natureza . Nenhum pai ou mãe sonha ter um filho gay. Seus pais se envergonham de vcs, por mais que digam o contrário.
Comentário 10 (2013)	Depois reclamam que são execrados , discriminados, etc. Entenderam <i>pq??</i> São uma escória de malditos profanando a crença alheia, se interpondo na movimentação e manifestação alheia. Mas é bom, pois qdo. pegarmos eles não poderão reclamar de nada, mostraram o que são. 2a feira aguarda os que trabalham comigo . FORA IMEDIATAMENTE.

²² Método sugerido e utilizado por Márcia Benetti (2016) na análise do discurso, os grifos ressaltam as marcas discursivas presentes nos comentários.

²³ Trecho suprimido por fazer referência a outro comentarista.

Comentário 11 (2015)	Um bando de frustadas, mal amadas e com baixa estima . Não fazem nada útil para serem notadas e só conseguem uma breve aparição quando se comparam ao lixo e ao escárnio da sociedade. Ratos e porcos .
Comentário 12 (2013)	[...] eu sou zueiro e você é revoltada. alegre-se. não odeie homens só porque são homens . você nunca gostou de nenhum homem na vida nem um amigo irmão pai qualquer coisa. lola aronovich é a sua ídolo né?
Comentário 13 (2013)	[...] qual direito que você não tem?
Comentário 14 (2012)	É como se tivesse um só tipo de homem na terra, os que maltrata as mulheres

Fonte: Elaboração das autoras.

A cultura da dominação masculina também se sustenta a partir de uma visão sobre o “outro como contrário, inferior ou anormal” (BORRILLO, 2010, p. 13) e, como consequência de tais princípios, nos deparamos com comentários permeados por discursos que “evidenciam a misoginia desmedida” (BARBOSA, 2020, p. 76), sendo estes também retratos de um sistema LGBTfóbico “de humilhação, exclusão” (BORRILLO, 2010, p. 9) e que anseia pela violência contra mulheres e a comunidade LGBTQIA+. As “práticas sociais, culturais e econômicas que constituem uma ideologia homofóbica [e misógina]” (BORRILLO, 2010, p. 10) estão intimamente correlacionadas, segundo Danielle Pereira (2017, p. 33), às convicções masculinistas, as quais, por sua vez, almejam a não participação feminina nos processos de cidadania (FRASER, 2013), o não reconhecimento e não representação plenos das mulheres.

Mais especificamente sobre a LGBTfobia, Borrillo (2010, p. 10) ainda afirma que “pensar essas práticas do preconceito” é entendê-las não como condutas individuais – nem somente resultantes dos discursos masculinistas –, mas “como consentimentos das práticas sociais, culturais e econômicas que constituem uma ideologia homofóbica”. Este mecanismo, como “produto e produtor” da dominação masculina e das normas de gênero (BUTLER, 2006), também faz com que a LGBTfobia amplifique suas vítimas para além de membros e membras da comunidade, “visando, igualmente, todos aqueles que não aderem à ordem clássica dos gêneros²⁴: travestis, transexuais, bissexuais, mulheres heterossexuais dotadas de forte personalidade, homens heterossexuais delicados ou que manifestam grande sensibilidade” (BORRILLO, 2010, p. 16).

Como percebemos nos comentários, o negacionismo também compõe os discursos dos homens integrantes da manosphere: “[...] qual direito que você não tem?” (Comentário 13), questiona um masculinista, negando, assim, “as violências e opressões sofridas pelas mulheres diariamente, além de questionar e limitar os direitos [buscam] conquistar” (BARBOSA, 2020, p. 77). Argumentos falaciosos que invalidam dados sobre as constantes e variadas violências sofridas pelas mulheres também se fazem recorrentes, além da convicção da existência de heterofobia. Segundo Zuckerberg (2018, p. 12, tradução nossa), os masculinistas acreditam que “o ‘mito do privilégio masculino’ é uma manifestação da

²⁴ Pelas palavras de Guacira Lopes Louro (2000, p. 9-10), aqueles e aquelas “que [não] ocupam as posições centrais, ‘normais’ (de gênero, de sexualidade, de raça, de classe, de religião etc.)”.

‘falácia ápice’²⁵: a tendência de julgar o status de um grupo inteiro baseando-se em alguns membros notáveis”²⁶. É o que demonstra este exemplo: “É como se tivesse um só tipo de homem na terra, os que *maltrata* as mulheres” (Comentário 14).

Tais ataques aos corpos das protestantes nos mostram que ainda há muitos caminhos a serem percorridos e que “os lugares aos quais nos empenhamos a alcançar estão ainda distantes” (BARBOSA, 2020, p. 84). Percebemos que as lutas das mulheres – e ressaltamos, aqui, as lutas carregadas nos protestos da Marcha das Vadias – são sempre permeadas pelo machismo e pela violência, e aquelas que especificamente se dão nos ambientes virtuais dos portais de notícias se deparam incessantemente com discursos misóginos de masculinistas. De acordo com Felipe Viero Kolinski Machado e Christian Gonzatti (2019, p. 400), “apesar também de consistir em um espaço de resistência e de fomento à diversidade, as redes digitais, igualmente, operam como um corpo condutor de discursos de ódio (potencializados via espalhamento) e de ideais fascistas”.

Os ambientes virtuais contam, ainda, com uma ferramenta primordial para membros da manofera: a vantagem do anonimato. “O uso de pseudônimo [ou] identidade falsa” (ZAGO, 2012) auxilia na dificuldade em detectar e punir os autores dos comentários, possibilitando-lhes atuar com certa liberdade dentro dos espaços cedidos pelos portais de notícias e por tantas outras mídias. Segundo Denzil Correa et al (2015, p. 80, tradução nossa), “indivíduos se tornam mais agressivos e exibem desinibição em um ambiente anônimo”²⁷, sendo esta postura característica do “distanciamento que [os portais de notícias] proporcionam” (BUENO, 2015, p. 241). Michael J. Moore et al (2012, p. 864, tradução nossa) ainda afirmam que

o anonimato pode resultar em um cyberbullying mais “mordaz e ofensivo” (Li, 2007) ou em uma “maior agressão e comportamento impróprio” (Ybarra & Mitchell, 2004). O anonimato também fornece ao cyberbully um desequilíbrio de poder que limita a capacidade da vítima de aplicar técnicas comuns para prevenir o comportamento agressivo (David-Ferdon & Hertz, 2007)²⁸.

O silêncio dos portais jornalísticos e a ausência de discussão sobre o papel do jornalismo diante desse ambiente hostil subvertem o potencial democrático da atividade jornalística (KARAM, 2004; CHRISTOFOLETTI, 2019) e fomentam a existência de mais um espaço de opressão para esses grupos. De acordo com o relatório da Comissão de Banda

²⁵ Para a autora, o termo “falácia ápice” é utilizado por masculinistas com a intenção de corroborar o “mito da desigualdade de gênero”. Para os masculinistas, a “falácia ápice” é uma tática feminista para manter homens brancos heterossexuais em posições subordinadas.

²⁶ No original: “the ‘myth of male privilege’ is a manifestation of ‘the apex fallacy’: the tendency to judge the status of an entire group based on a few outstanding members”.

²⁷ No original: “individuals turn more aggressive and exhibit disinhibition in an anonymous environment”.

²⁸ No original: “anonymity may result in a cyberbully being more ‘scathing, hurtful’ (Li, 2007) or in ‘heightened aggression and inappropriate behavior’ (Ybarra & Mitchell, 2004). Anonymity also provides the cyberbully with an imbalance of power which limits the ability of the victim to apply ordinary techniques to prevent aggressive behavior (David-Ferdon & Hertz, 2007)”.

Larga da ONU, o acesso à tecnologia por parte das mulheres é “um dos principais indicadores de progresso”²⁹ (UN BROADBAND COMMISSION FOR DIGITAL DEVELOPMENT, 2015, p. 4, tradução nossa) no mundo e de empoderamento feminino, mas a partir do momento em que elas se deparam com violências simbólicas e midiáticas, se torna cada vez menor o número de mulheres que se sentem seguras na internet, podendo diminuir seus acessos nesses ambientes e, por conseguinte, seu acesso à cidadania e à participação política. A misoginia em redes resulta em um recuo sem precedentes na luta por um mundo mais igualitário.

Considerações finais

Os comentários analisados solidificam a existência de parâmetros que engendram a aceitação – ou não – dos corpos do gênero feminino, bem como as imposições e as violências destinadas às mulheres. Se, por um lado, a imagem e a exibição do corpo nu feminino são aceitas e desejadas, quando se reservam aos olhares pornificadores masculinos (SIBILIA, 2015) e aos do consumismo (como os corpos femininos nas produções de filmes de pornô e em propagandas das indústrias de beleza, no geral), por outro, podemos constatar, pelos comentários analisados, ameaças e exposições que hostilizam esse mesmo corpo quando protesta pela liberdade, como as protestantes afirmam na Marcha das Vadias.

Percebemos que os discursos encontrados nos comentários reforçam a afirmação de Benetti (2016, p. 240) de que “todo discurso é atravessado, ele mesmo, por outros discursos e pelo já-dito em outros lugares”. As manifestações daqueles/as que comentam “se relacionam não só com as informações divulgadas na notícia, mas também com as particularidades do universo discursivo de cada um” (PEREIRA, 2020, p. 1943). No Brasil, país que se aproxima da liderança do ranking mundial de violência contra as mulheres (GUSTAFSON, 2019), os cotidianos também se caracterizam como uma hibridação de violências machistas e misóginas. Meninas e mulheres se deparam, diariamente, “talvez em diferentes proporções ou tons” (BARBOSA, 2020, p. 85), com os discursos encontrados nos comentários.

O núcleo de comentários investigado elucida um anseio pela contínua manutenção da dominação patriarcal, perpetuando condições arcaicas e sexistas – sendo esta “uma combinação de preconceito contra pessoas baseado em seu gênero, junto com o privilégio e poder necessários para causar danos”³⁰ (POLAND, 2016, p. 2, tradução nossa) – e incentivando o cerceamento da liberdade feminina, no que tange à politização dos corpos pela Marcha das Vadias, no ambiente do portal de notícias *G1*. Sendo assim, é importante ressaltar que, apesar de pautas progressistas fazerem cada vez mais parte da agenda de muitos portais jornalísticos, os mesmos espaços cedidos a elas são também ambientes profícuos para a circulação de discursos como os que vimos aqui, já que lacunas no âmbito jurídico permitem que autores não sejam – ou raramente sejam – responsabilizados pelas violências que cometem. Assim, tais violências seguem em sua maioria impunes e têm como

²⁹ No original: “one of the core indicators for progress”.

³⁰ No original: “a combination of prejudice against persons based on their gender, combined with the privilege and power required to cause harm”.

consequência, ainda, a redução do direito das mulheres à cidadania plena e um desvio do jornalismo em relação ao que consideram seus princípios éticos e democráticos.

Para Aronovich (2021), é preciso um monitoramento por parte das polícias sobre as comunidades misóginas, visto que os ideais masculinistas têm avançado cada vez mais para além da manufatura. Também se faz imprescindível que o *G1*, parte do Grupo Globo – o maior conglomerado de mídia e comunicação da América Latina –, atue rigidamente frente a esses discursos, através de políticas que auxiliem a identificação dos autores, bem como a instauração de ferramentas que reconheçam e proíbam tais publicações, na tentativa de criar um ambiente menos nocivo e mais seguro para as mulheres. Aliás, os portais de notícias – e não apenas o *G1* – precisam se debruçar sobre os modos pelos quais perpetuam estruturalmente ou permite que discursos patriarcais se disseminem sem nenhum tipo de regulação ou reflexão ética. Mais do que isso, são necessárias políticas públicas e regulatórias sistêmicas, começando por tipificações penais desses comportamentos e pelo reconhecimento institucional, legislativo e deontológico das violências simbólicas e midiáticas no rol das agressões perpetradas às mulheres no âmbito do patriarcado.

Referências

ANDI. *Mídia e políticas públicas de comunicação*. Brasília, 2017. Disponível em: <https://andi.org.br/wp-content/uploads/2020/09/midia-e-ppcom_ppc.pdf>. Acesso em: 6 maio 2021.

ARONOVICH, Lola. O terrível massacre de Saudades tem ligação com grupos terroristas? *Escreva, Lola, Escreva*, 4 maio 2021. Disponível em: <<https://escrevalolaescreva.blogspot.com/2021/05/o-terrivel-massacre-de-saudades-tem.html>>. Acesso em: 6 maio 2021.

_____. Insultos politicamente corretos para usar contra as mulheres. *Escreva, Lola, Escreva*, 12 dez. 2011. Disponível em: <<http://escrevalolaescreva.blogspot.com/2011/12/insultos-politicamente-corretos-para.html>>. Acesso em: 19 maio 2021.

BALOCCO, Anna Elizabeth; SHEPHERD, Tania Maria Granja. A violência verbal em comentários eletrônicos: um estudo discursivo-interacional. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 33, n. 4, p. 1013-1037, 2017.

BARBOSA, Yasmine Feital. *Nudez política feminina no Brasil: uma análise das reverberações da Marcha das Vadias em notícias do portal G1*. 2020. 93f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) – Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2020.

BENETTI, Márcia. Análise de discurso como método de pesquisa em comunicação. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (Orgs.). *Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas*. Porto Alegre: Edipucrs, 2016. p. 235-256.

BOENAVIDES, Débora Luciene Porto. Ressignificar e resistir: a Marcha das Vadias e a apropriação da denominação opressora. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 1-9, 2019.

BORRILLO, Daniel. *Homofobia: história e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte, Autêntica, 2010.

BRAGA, José Luiz. Constituição do Campo da Comunicação. *Verso e Reverso*, São Leopoldo, v. 25, n. 58, p. 62-77, jan./abr. 2011.

BUENO, Thaisa Cristina. *Para que servem os comentários de leitores na internet?* Estudo sobre a utilidade da ferramenta nos sites de notícias a partir da estrutura do dispositivo e do modo de apropriação do internauta e do veículo. 2015. 265 f. Tese (Doutorado em Comunicação Social) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

BUTLER, Judith. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006.

_____. *Gender Trouble: Feminism and the subversion of identity*. New York: Routledge, 1990.

CHRISTOFOLETTI, Rogério. *A crise do jornalismo tem solução?* Barueri: Estação das Letras e Cores, 2019.

CORREA, Denzil et al. The Many Shades of Anonymity: Characterizing Anonymous Social Media Content. In: NINTH INTERNATIONAL AAAI CONFERENCE ON WEB AND SOCIAL MEDIA, 2015, Oxford. *Anais...* Palo Alto: The AAAI Press, 2015. p. 71-80.

FRANCHINI, Bruna. Mídia, patriarcado, capitalismo e perpetuação da cultura do estupro. *Trama – Indústria Criativa em Revista*, Rio de Janeiro, ano 4, v. 7, p. 142-163, ago./dez. 2018.

FRASER, Nancy. *Fortunes of feminism*. From state-managed capitalism to neoliberal crisis. London, New York: Verso, 2013.

GOMES, Carla. Corpo e emoção no protesto feminista: a Marcha das Vadias no Rio de Janeiro. *Sexualidad, Salud e Sociedad – Revista Latinoamericana*, Rio de Janeiro, n. 25, p. 231-255, abr. 2017.

GREENBERG, Stephanie et al. *From Pick-Up Artists to Incels: A Data-Driven Sketch of the Manosphere*. London: University College London, 2020.

GUARESCHI, Pedrinho A. Mídia e democracia: o quarto *versus* o quinto poder. *Debates*, Porto Alegre, v.1, n.1, p. 6-25, jul./dez. 2007.

GUSTAFSON, Jéssica. Brasil caminha para liderar ranking mundial de violência contra mulher. *Catarinas*, 28 jan. 2019. Disponível em: <<https://catarinas.info/brasil-caminha-para-liderar-ranking-mundial-da-violencia-contra-mulher>>. Acesso em: 13 maio 2021.

KARAM, Francisco. *A ética jornalística e o interesse público*. São Paulo, Summus, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MACHADO, Felipe Viero Kolinski; GONZATTI, Christian. Harry Potter e aquele-que-não-deve-ser-votado: Imaginação cívica, Ativismo de fãs e Fascismo Eterno em redes digitais do jornalismo de cultura pop. *Comunicação & Sociedade*, São Bernardo do Campo, v. 41, n. 2, p. 373-403, maio/ago. 2019.

_____; _____.; ESMITIZ, Francielle. E elxs viverão felizes para sempre? (In)visibilidades de personagens LGBT em produções da Disney como força propulsora de cibercontecimentos. *Comunicação, Mídia e Consumo*, São Paulo, v. 15, n. 43, p. 386-412, maio/ago. 2018.

MACHADO, Sandra de Souza. Vidas partidas no discurso midiático brasileiro sobre as mulheres. In: STEVENS, Cristina et al (Orgs.). *Mulheres e violências: interseccionalidades*. Brasília, Technopolitik, 2017. p. 128-144.

MARTINEZ, Fabiana. Feminismos em movimento no ciberespaço. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 56, p. 1-34, 2019.

MIRANDA, Cynthia. Reflexões conceituais sobre vulnerabilidade: violência simbólica e midiática a partir do enfoque de gênero. In: MIRANDA, Cynthia et al (Orgs.). *Vulnerabilidades, narrativas e identidades*. Belo Horizonte: Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, PPGCom, UFMG, 2020. p. 131-155.

MOORE, Michael J. et al. Anonymity and roles associated with aggressive posts in an online forum. *Computers in Human Behavior*, Amsterdam, v. 28, p. 861-867, 2012.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2007.

POLAND, Bailey. *Harassment, Abuse and Violence Online*. Lincoln: University of Nebraska Press, 2016.

PEREIRA, Danielle. *Entre sanctos e mascus: o estudo sobre ciberfeminismo e cibermisoginia no brasil (2011-2017)*. 2017. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017.

PEREIRA, Wilma Maria. O discurso conflituoso na internet: uma análise discursivo-interacionista de comentários em site de notícia. *Revista de Estudos da Linguagem*, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 1913-1958, 2020.

SIBILIA, Paula. A nudez autoexposta na rede: deslocamentos da obscenidade e da beleza? *Cadernos Pagu*, Campinas, São Paulo, n. 44, p. 171-198, jan./jun. 2015.

STOCKER, Pâmela; DALMASO, Silvana. Uma questão de gênero: ofensas de leitores à Dilma Rousseff no Facebook da Folha. *Estudos Feministas*, Florianópolis, 24, n. 3, p. 679-690, set./dez. 2016.

UN BROADBAND COMMISSION FOR DIGITAL DEVELOPMENT. *Cyber Violence Against Women and Girls*. New York, 2015.

ZAGO, Gabriela. Trolls e Jornalismo no Twitter. *Estudos em Jornalismo e Mídia*, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 150-163, jan./jun. 2012.

ZUCKERBERG, Donna. *Not All Dead White Men: Classics and Misogyny in the Digital Age*. Cambridge: Harvard University Press, 2018.

Karina Gomes Barbosa

Professora do curso de Jornalismo e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop). Doutora em Comunicação pela Universidade de Brasília (UnB).

Yasmine Feital Calçado Barbosa

Mestranda em Comunicação pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Jornalista formada pela Universidade Federal de Ouro Preto (Ufop).